

DONA ZÉZA e o LIVRO DO SATANÁS

Dona Zéza é uma pessoa de modos simples para quem o tempo sequer passou. Mora numa vilazinha rural no meio do interior e muito mal sabe o que é energia elétrica.

Na sua casa, o único luso é a água encanada e o esgoto.

Luz à noite, só de vela. Isso, se for necessário...

Mesmo assim, acontecia de vez por outra, aparecer alguém que se hospedasse na casa dela ou em alguma outra da vilazinha.

Parentes de vizinhos da região, funcionários do governo, ou qualquer pessoa que precisasse de um lugar para passar a noite naquele fim de mundo podia pernoitar por ali.

Se Dona Zéza fosse com a cara do hóspede e este ainda lhe oferecesse uma generosa gratificação, pela manhã, com certeza haveria à disposição, um daqueles deliciosos cafés da manhã que só se encontra no interior além do sorriso banguela da velha.

Agora, se o hóspede roncasse, ou, fizesse muito barulho à noite...

-Dona Zéza: esse moço é repórter do jornal. Ele veio da cidade grande esturdar os nossos problemas no campo.

-Repórter? Que é isso?

-Da televisão, Dona Zéza... - Disse a moça apontando para o rapaz.

-Não! Não! Não vejo isso não! Na minha casa num tem disso não.

-Ah!- Exclamou a moça. - Aqui na casa da Dona Zéza ainda não foi instalada eletricidade.

-Não fala isso pro moço que eu fico com vergonha. É mais barato usar lenha. E a noite, foi feita para dormir e não para ficar vendo novela.

O rapaz deu um sorriso, estendeu a mão para cumprimentar a Dona Zéza e disse:

-Sem crise! Posso acessar a internet pelo celular e mantenho o laptop funcionando com as baterias portáteis que trouxe. Mesmo aqui, tenho conexão com qualquer ponto do globo.

Dona Zéza não entendeu uma só vírgula do que ele disse.

Ainda assim apertou a mão dele.

-O senhor vai gostar da Dona Zéza. Ela é uma pessoa muito gentil. - Disse a moça que acompanhou o repórter com um largo sorriso. - Amanhã eu volto para apanhá-lo. Boa noite!

-Boa noite!

-Boa noite!

Um tanto tímida, Dona Zéza mostrou para o hóspede a casa onde ele pernoitaria.

Apesar da falta de eletricidade, era uma casa grande, de paredes grossas e vários cômodos.

Foram até os fundos dela, onde foi indicado ao rapaz o quarto onde ele dormiria.

Uma porta que havia ao lado da cama foi aberta.

-Tem um banheiro aqui se precisar...

Dona Zéza reparou que o rapaz não carregava nada. Só um livro preto.

-Que livro é esse, moço?

-Não é livro não. É um computador Pentium 5 com duplo processador, 100 gigabytes de HD e 2 gigas de RAM. - Bem pequeno, não? Tem ainda monitor com efeito tridimensional e som de primeira.

Para variar, Dona Zéza não entendeu nada.

-A senhora poderia arrumar para mim duas velas, por favor? Eu ainda posso fazer

um trabalhinho antes de dormir.

-Trabalhinho à noite usando velas? - Pensou Dona Zéza. - Só se for coisa de macumba.

Ainda que tivesse com tais pensamentos na cabeça, ela entregou as velas para o rapaz.

E logo saiu do quarto deixando-o mais à vontade.

Porém, não totalmente.

O fato de Dona Zéza viver sozinha numa casa sem energia elétrica fazia dela uma pessoa de vida tediosa sem emoções ou novidades.

Para ela, a novidade era o repórter e, ele iria dormir na sua casa.

Não sendo uma pessoa perfeita como todo o ser humano que habita este planeta, ela também tinha seus defeitinhos, entre eles, o de ser bisbilhoteira e se intrometer na vida dos outros.

Logo que saiu, ela foi para um cômodo encostado àquele quarto e, através de um burquinho que havia na parede, enxergava tudo o que acontecia lá dentro sem ser notada.

Pensando estar totalmente seguro, o rapaz acendeu as velas e depois, um cigarro muito esquisito...

-Mas que droga! Essa porcaria não queima direito. Deve estar cheia de sementes.

E tentou acendê-lo de novo!

O tal repórter fumava aquele negócio como um desesperado! Parecia com os pretos macumbeiros que queimavam aqueles enormes charutos nas feiras.

O rapaz ainda prendia a respiração e fechava os olhos...

-Minha nossa! - Sussurrou Dona Zéza. - Tem um espírito baixando no corpo dele!

Ele soltou a fumaça, e, logo, o quarto ficou com uma névoa no teto cada vez mais densa.

Logo, até Dona Zéza conseguiria através do furinho sentir o cheiro do fumo que o rapaz estava usando e até se engasgar com ele.

Felizmente, seu hospede não poderia ouvir as tossidas dela no outro quarto.

O rapaz colocou o tal livro de nome complicado na mesa e, tragando o seu cigarro, perguntava em voz alta:

-Malditas baterias! Onde elas estão?

Revirou os próprios bolsos e tirou deles um pequeno objeto preto.

-Maldita bateria do inferno! Veja lá se não vai me falhar agora, que, da outra vez que precisei, você me faltou...

E tentou encaixar a peça que tirara do bolso ao negócio de nome estranho.

-Filha da puta! Mas que merda! Por-que essa porcaria não quer conectar?

O rapaz deu mais algumas tragadas no seu cigarro e mexeu no objeto que tirara do bolso.

-Merda de conexão. É só mudar a temperatura ambiente que o encaixe muda de tamanho. Putaquepariucaralho!

Ele acendeu o esqueiro e passou a chama perto do objeto, em seguida, tentou novamente encaixá-lo novamente.

Deu certo!

-Consegui, maldita desgraça! Agora vê se não me falha, porcaria do inferno!

-O rapaz deve estar conjurando algum demônio do inferno ou porcaria do inferno para dentro da casa dela... - Pensou Dona Zéza. - Uma coisa destas, ela não poderia permitir.

Mas o espanto dela ainda não havia terminado.

Logo, outro problema pareceu perturbar o rapaz.

-Maldito celular! Passam-se os anos e estes telefones não melhoram! A bosta da linha para internet não está boa.

Dona Zéza se impressionou com todo aquele nervosismo.

Aparentemente tão tranquilo, o rapaz parecia ficar desequilibrado diante daquelas coisas esquisitas que trouxe.

Ela via, mas não entendia a causa do mau humor.

Depois da pequena maratona de problemas, um dos cacarecos do rapaz emitiu luz própria.

Projetava objetos luminosos que pareciam reais.

Para Dona Zéza aquilo já era bruxaria!

Uma TV ainda era coisa que seus modestos conhecimentos tecnológicos podia aceitar, mas, aquelas imagens que se moviam e saltavam à frente do repórter como mágica ela não compreendia.

Espionando o rapaz, ela percebeu que ele não parecia se acalmar, conforme o tempo passava, seus problemas pareciam aumentar.

-Mas que é isso? - Indagou ele. - Esse computador está muito lento para trabalhar.

Dando fortes tragadas no seu cigarro, o rapaz levantou-se bastante nervoso.

-Maldita merda do inferno! Gasto uma grana preta nesta encrenca fodida do carálho para ter esse desempenho medíocre.

Mesmo falando tantos palavrões e, aparentando todo aquele nervosismo, as exclamações do distinto repórter eram feitas em voz baixa e não eram ouvidas fora do quarto.

Dona Zéza só tinha conhecimento delas devido à sua bisbilhotice.

-Ainda não me liberou para trabalhar?!?!? Bosta maldita do inferno.

O rapaz parecia muito nervoso, já estava vermelho como um pimentão.

Andava de um lado para outro no quarto até que veio um sinal sonoro!

Entre as imagens tridimensionais que eram projetadas, ele percebeu uma imagem desanimadora:

-Erro ou mau funcionamento?!?!? Restarte a máquina?!?!? Mas que grande desgraça... Esta porcaria não vale um centavo do que eu gastei nela. Merda! Porra! Droga!

No auge do seu nervosismo, o repórter deu um tapa no objeto que projetava as imagens.

Nada de grave aconteceu...

Para Dona Zéza porém, aquela foi a gota d'água!

Mesmo não fazendo nenhum barulho, tanto nervosismo a deixou preocupada.

Era caso para uma intervenção.

-Mas Dona Zéza! O pobre rapaz disse que a senhora invadiu o quarto dando tiro de espingarda calibre doze justamente na hora que ele trabalhava no computador.

-Coisa do diabo! O trabalho desse rapaz era pro diabo! Tava fazendo invocação para o demo dentro da minha casa. Ele tinha um livro diabólico que fazia um monte de bichos pularem em volta.

-Mas Dona Zéza, ele estava trabalhando no computador.

-Olha! Esse moço estava fazendo macumba dentro da minha casa. Eu vi o santo baixando nele. Eu vi! Eu sei o que vi!

Assim, Dona Zéza deu por encerrado mais um problema.

Para si, havia feito um serviço para a humanidade expulsando de sua casa um mau elemento.

Para os outros, o que eles achavam, ela não queria nem saber...
